

ARTIGOS OPINATIVOS E DE ATUALIZAÇÃO

DESVENDANDO OS MISTÉRIOS DO SEXO ORAL: VASCULHANDO A LITERATURA EM BUSCA DE EXPLICAÇÕES CIENTÍFICAS.

Filipe Hille¹; Clóvis Marzola²

UNRAVELING THE MYSTERIES OF ORAL SEX: DIGGING THROUGH THE LITERATURE
LOOKING FOR SCIENTIFIC EXPLANATIONS.

Resumo: Falar sobre “sexo oral” na sociedade nunca foi algo tão simples, uma vez que é tema polêmico e visto de forma vulgar e comprometedor por muitas pessoas. Apesar dos vários conceitos vistos acerca do ato propriamente dito, sabe-se que tal prática é de caráter comum entre os adolescentes e casais. Muitos ainda têm dúvidas com relação ao risco que correm ou que podem correr ao realizar ou recebê-lo. Ainda, quando se fala em sexo oral, observa-se que existe certo “tabu” imposto pela sociedade desde décadas passadas, e muitas dúvidas surgem a respeito. Ao pesquisar sobre sexo oral em revistas, jornais e outros meios de comunicação, quase sempre se lê informações falsas e sem embasamento científico, discriminando totalmente o sexo ou tornando sua realização extremamente inofensiva. E você? O que você pensa sobre o sexo oral? Este trabalho tem como objetivo esclarecer dúvidas e definir conceitos básicos sobre um dos assuntos mais polêmicos da sexologia e odontologia.

Palavras chave: sexualidade; sexo; sexo oral; saúde; patologia oral; odontologia

Abstract: Talk about “oral sex” in the society in which we live has never been something as simple as this subject is controversial and visa vulgar and compromising way by many people. Despite several visas concepts about the act itself, it is known that such a practice is common character among teenagers and couples and many still have doubts regarding the risk they are taking or that can run to perform oral sex or forward to it. Yet when it comes to oral sex, we observed that there is a certain “taboo” imposed by society since the past decades and that many questions arise about. When searching on oral sex in magazines, newspapers and other media outlets almost always read false information and without scientific base totally discriminating sex or making harmless to end its realization. And you? What do you think about oral sex? This study aims to answer questions and define basic concepts about one of the most controversial issues of Sexology and Dentistry.

Keywords: sexuality; sex; oral sex; health; oral pathology; dentistry

¹ Graduação em Odontologia, pós-graduando em Odontopediatria pela Universidade de São Paulo (Fundectó/FOUSP). Atualmente se dedica à pesquisa científica e ao atendimento de gestantes, bebês, crianças e adolescentes, atuando nos seguintes temas: patologia oral, patologia geral, células-tronco de polpa dentária, odontologia para bebês, glândulas salivares e methotrexate. E-mail: filipehille@hotmail.com

² Professor titular de cirurgia da FOB-USP aposentado. Presidente da Academia Tiradentes de Odontologia. Membro titular da Academia Brasileira de Odontologia. Membro titular e fundador do Colégio Brasileiro de Cirurgia e Traumatologia Bucamaxilofacial. Comendador e Conde pela Câmara Brasileira de Cultura.

Introdução

O que é sexo oral?

Pode-se dizer que, ao pesquisar sobre sexo oral, pouquíssimas fontes esclarecem exatamente sua definição e história propriamente dita. Embora haja escassez de conteúdo científico sobre este tema, sexo oral nada mais é que uma prática sexual realizada com a boca, caracterizada como algo extremamente prazeroso e imprescindível na vida de um casal. A literatura classifica o sexo oral como receptivo e insertivo, sendo receptivo quando se refere à pessoa que recebe a ação e insertivo tratando-se de quem a pratica (VARGHESE; MAHER; PETERMAN et al., 2002).

Sexo oral e sua prática

Muitas pessoas questionam os médicos e cirurgiões dentistas para esclarecer dúvidas sobre a prática do sexo oral, e quase sempre as perguntas são as mesmas no consultório. O sexo oral se torna inofensivo apenas quando existe saúde recíproca na vida de um casal, isto é, tanto da parte de quem pratica o ato como também de quem o recebe. Neste caso em exclusivo pode-se garantir que o sexo oral seja 100% inofensivo, não oferecendo riscos ao patrimônio biológico (VARGHESE; MAHER; PETERMAN et al., 2002).

Benefícios do sexo oral

Tanto no Brasil como no exterior observa-se grande escassez de informações científicas quando o assunto é sexo oral. Muitas pessoas que visitam os consultórios médicos e odontológicos buscam esclarecer dúvidas sobre esta prática sexual, e uma das perguntas realizada com frequência é: [...] Doutor, eu já ouvi que o sexo oral pode causar benefícios para a saúde. Isso é verdade?

Frente às pouquíssimas informações científicas encontradas na literatura, ainda pode-se dizer que tal prática pode, sim, trazer benefícios para o homem, quando enxerga-se o grande trabalho muscular realizado durante a ação. O trabalho dos músculos orais e da língua durante o sexo oral acontece de forma intensa, uma vez que quase todos os movimentos realizados em si restringem-se à sucção contínua. Sugar envolve o trabalho de muitos grupos musculares da boca, como os bucinadores, orbiculares, língua e músculos do palato mole. Sugar vigorosamente tonifica a musculatura além de estimular a liberação de endorfina na corrente circulatória (WERNECK, BARA FILHO, RIBEIRO, 2005). A endorfina quando cai na corrente circula-

tória produz a sensação de bem-estar, alivia dores, produz por algum tempo certo êxtase momentâneo e atua no sistema límbico, deixando as pessoas mais felizes. Inúmeros são os benefícios da endorfina para o homem de acordo com a literatura, levando a entender que a sucção também pode ser benéfica por fazer trabalhar os músculos e produzir endorfina (PATTON; THIBODEAU, 2002).

Praticar sexo oral pode ser uma alternativa segura, prazerosa e até trazer benefícios para o organismo quando existe saúde recíproca na vida de um casal, porém, vale lembrar que tal prática também poderá ser totalmente comprometedor quando a saúde não está presente. Os cuidados devem sempre existir, afinal, não é tão simples confiar em outra pessoa e jogar a sua saúde no lixo por um prazer momentâneo (VARGHESE; MAHER; PETERMAN et al., 2002).

Vírus HIV

Em 1980 uma grande e grave epidemia apareceu, a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, que provocava a destruição de todo o sistema imunológico. Ao penetrar no organismo, verifica-se que o vírus tem um certo tropismo por células do sistema imunológico, principalmente aquelas dotadas de receptor CD4+. Muitas células são alvo primário da infecção pelo HIV, como macrófagos, monócitos, células da glia, linfócitos T e B, linfócitos natural killer, endoteliócitos e epitelíocitos gastrointestinais. O vírus HIV pode levar à completa destruição do sistema de defesa humano e, conseqüentemente, desencadear o óbito (LORENZO 2004).

A transmissão do HIV pode acontecer por via parenteral, sexual e vertical. A transmissão parenteral é altamente eficiente em 90% dos casos. O número de partículas virais presentes em células sanguíneas é absurdamente maior do que em secreções sexuais e fluidos corpóreos. A transmissão por saliva, suor, lágrimas e urina não tem grande importância no ponto de vista epidemiológico devido à baixa concentração de partículas virais presentes nesses fluidos. A transmissão por via sexual é a mais significativa, principalmente quando existe a presença de úlceras genitais. Quando se fala de sexo oral e HIV, os pacientes desejam saber se é realmente verdade ou um simples mito o fato de que o vírus pode ser transmitido durante tal prática. De acordo com uma revisão sistemática da literatura, publicada em 2008 em uma revista de grande impacto, deve-se afirmar que o risco de transmissão do HIV pela prática do sexo oral é mínimo, porém existe, sim (BAGGALEY, 2008). A prática de sexo

oral receptiva apresenta risco de 1 a cada 10.000 exposições, e no sexo oral insertivo 0,5 chance a cada 10.000 exposições (VARGHESE; MAHER; PETERMAN et al., 2002).

Levando em consideração os dados nacionais e internacionais, conclui-se que o sexo oral não é 100% inofensivo na presença do vírus HIV, e mesmo o risco de infecção para esta prática sendo baixo, isso deve ser um alerta para todas as pessoas. Pesquisadores do Imperial College e do London School of Hygiene and Tropical Medicine afirmam que o sexo oral deve ser realizado com prevenção para que se possa minimizar seu risco, mesmo ele sendo baixo, e, para isso, o ideal seria praticar sexo oral com preservativo ou dental dams (BAGGALEY, 2008).

Os tecidos moles orais, assim como os do aparelho genital masculino, podem sofrer progressivos danos invisíveis aos olhos humanos durante

a prática do sexo oral. Ao sugar vigorosamente o pênis, o epitélio oral pode sofrer inicialmente uma pequena descamação que, por sua vez, levará à formação de pequenas fissuras tanto no pênis quanto na própria mucosa oral e, desta forma, levar à perda do epitélio de superfície ocasionando uma comunicação com o tecido conjuntivo subjacente. Em pacientes com doença periodontal, o risco para contração de HIV durante a prática de sexo oral aumenta, uma vez que o contato com sangue pode ser direto e maior (BAGGALEY, 2008).

A presença de HIV na saliva

A literatura mundial esclarece que a saliva apresenta baixíssima concentração de HIV, e sendo a saliva hipotônica e rica em enzimas, quase sempre se tem a inativação das partículas virais presentes, devido à destruição do envoltório viral (LORENZO 2004).

Protocolo Hille e Marzola 2015 (Minimizando o risco no Sexo Oral)
1. Use o bom senso na hora de praticar o sexo oral. Caso haja dúvida sobre o estado de saúde de ambos, não o pratique sem proteção.
2. Não escovar os dentes e passar o fio dental minutos antes de realizar o sexo oral.
3. Visite o cirurgião-dentista regularmente para verificar o estado de saúde bucal.
4. Indivíduos com doença periodontal não devem praticar o sexo oral sem proteção.
5. Indivíduos com cortes, ulcerações ou machucados no pênis, vagina ou mucosa oral não devem praticar o sexo oral sem proteção.
6. Não engolir o sêmen durante a prática sexual, evitando ao máximo seu contato com a boca.
7. Caso suspeite de um possível contato com o vírus HIV, procure imediatamente um serviço de saúde.
8. Após realizar o sexo oral não escovar os dentes ou passar o fio dental. Deve-se esperar no mínimo 30 minutos para realizar a higienização da boca.
9. Após realizar o sexo oral, faça uso de gomas de mascar, estimulando a produção de saliva, o que favorecerá a proteção e limpeza da boca.
10. Os cuidados com a higiene são imprescindíveis na hora de evitar infecções oportunistas.

⁴Dental Dams é um pedaço quadrado de látex, originalmente criado para procedimentos odontológicos, que pode ser utilizado para a prática de sexo oral seguro.

Conclusões

Diante deste trabalho, é possível concluir que:

1. O sexo oral pode ser benéfico ou maléfico dependendo da presença ou não de um agente agressor, seja ele viral, fúngico ou bacteriano.

2. O sexo oral com proteção pode minimizar o risco para doenças sexualmente transmissíveis como HIV, Sífilis, Gonorreia e Hepatite C.

3. A saliva possui uma baixa concentração de vírus HIV, e sua característica hipotônica (também por ser rica em enzimas) permite a inativação das partículas virais.

4. O sexo oral pode, sim, apresentar riscos na transmissão de HIV mesmo sendo mínimos.

5. A presença de doença periodontal, ferimentos na boca, úlceras ou demais lesões pode favorecer a infecção por HIV durante o sexo oral.

Referências

BAGGLEY, R. F. *et al.* Systematic review of orogenital HIV-1 transmission probabilities. *Int. J. Epidem.*, v. 37, p. 1255-1265, jul. 2008.

HILLE, F.S. ; MARZOLA, C. Sexo oral e sua relação no processo saúde e doença: Mitos e verdade sobre sua prática. *Rev. de Odontologia ATO.*, São Paulo, SP. v.15, n. 12, p. 795-801, nov, 2014.

LORENZO, J. L. *Microbiologia para o estudante de odontologia*. Rio de Janeiro: Atheneu, 2004.

PATTON, T. K.; THIBODEAU, G. A. *Estrutura e funções do corpo humano*. 11. ed. São Paulo: Manole, 2002.

VARGHESE, B.; MAHER, J. E.; PETERMAN, T. A. *et al.* Reducing the risk of sexual HIV transmission: quantifying the per-act risk for HIV on the basis of choice of partner, sex act, and condom use. *Sex Transm. Dis.*, Nova York, v. 29, n. 1, p. 38-43, ago. 2002.

WERNECK, F. Z.; BARA FILHO, M. G.; RIBEIRO, L. C. S. Mecanismos de melhoria do humor após o exercício. Revisitando a hipótese das endorfinas. *Rev. brasil. Ciên. Movim.*, Juiz de Fora, MG. v. 13, n. 2, p. 135-144, ago. 2005.